

Alguns apontamentos sobre a obra Alegoria da Calúnia – Irma Renault – 1990

O quadro me remete a ideia de pequenos focos circulares denteados a mover uma invisível polia numa grande engrenagem, circuitos da vida. O ponto central desse maquinário teria um eixo de referência para o giro situado a partir da boca da Calúnia. Essa boca aberta e ativa em malevolência risonha, cuja dentição pontiaguda espinhenta é cutucada pelo tridente de um aparente desprezioso anjo-capeta que nos olha parecendo buscar consentimento, se estimula ou não. Mais robusta e imponente, “se achante”, com esdrúxulo modo dançante, a Calúnia parece tirar a Credulidade para dançar, recebe seu endosso e espeta uma lanceta na sola do pé da Inocência. Ainda, atropela outro capetinha quente (vermelho-laranja) e direciona-se no sentido para trás em relação a uma linha cronológica (linha temporal que evolui da esquerda para a direita) e provoca um turbilhonamento da cena total. Dá as costas para o lado que sua tocha ilumina e num contorcido “bailado” euforicamente ardiloso se volta na direção mais fria, sombria. Apoia-se com sua perna esquerda no chão, mas está com perna direita e braço direito elevados (contrário ao habitual caminhar). Clareia o futuro, mas segue ao passado. Diferentemente da tocha da Verdade Por Ouvir Dizer, a da Calúnia tem uma chama mais ardente esvoaçante, faz-se quase uma extensão de seus dedos e está esquentado o Artifício e a sola do pé da Inveja.

No quadro, independente de observar o claro ou o escuro, em baixo ou em cima, da esquerda ou da direita há um equilíbrio simétrico em que representantes desse jogo da calúnia, se fazem presentes amplamente. Se dividirmos o quadro em esquerda e direita ou cima e baixo teremos um grupo de sete figuras em cada uma dessas metades. Até no contrabalanço dos quadrantes teríamos diagonalmente grupos de quatro e de três figuras.

Ciclo dinâmico incessável? Reconhecível e (auto)-denunciável! É preciso haver figuras que não ouvem e que não querem ouvir; os que não veem e que não querem enxergar; agentes que não falam, mas comunicam suas intenções; que sugerem até ser vítima, mas alimentam e retro-alimentam o jogo; atores que apresentam características humanas, mas revelando-se animalescos; que cada um é um, mas não há como existir isoladamente.

As pequenas figuras me remetem a gravetos ou carrapichos vagantes, errantes dispostos à espera do contato grudento, meio parasitário, disseminador e um tipo de perturbação permissiva e consentida. Com seus aspectos mais pontiagudos estariam a cutucar as figuras maiores, no sentido de atabalhoar suas mentes entre aconselhar-desaconselhar? Presenças meio fantasmagóricas, humanoides endiabrados com chifres ou espinhos.

O quadro apresenta o tom de um enorme silêncio inquietante. Desse espelho alegórico não verbal, percebe-se a maldade já está instalada. Talvez, a única figura que estaria emitindo algum som seria o capetinha que está entre as pernas da Inveja e do Artifício (seria efeito do calor da tocha da Calúnia? e/ou de espanto com as hidras eriçadas ali bem perto?). Na calada dos costumes dos convívios vão se dando essas relações. Nessa teia social temos a exposição escancarada de sentimentos e imagens que revelam muito do que aprendemos a esconder mimetizando.

As figuras guardam pontos de semelhanças, de contato para configuração do processo perverso. Entre elas há sempre algum tipo de interação de modo atizador ou apassivador a possibilitar o funcionamento das engrenagens.

Catorze personagens maiores e dezenove figuras pequenas (algumas apenas sinais que intrigam por não serem decifrados no entre dessa trama). Haveria mal maior ou menor? Ou seriam males mais ou menos perceptíveis, reconhecíveis e identificáveis? Cada figura – maior ou menor – inteira em sua malignidade. Como se os catorze personagens apresentem uma maior possibilidade de uma identidade nomeável, e os pequenos a dizer de sombras importunantes que se concentram (13 das 19) no quadrante inferior esquerdo do quadro, mantendo e garantindo o atordoamento anestesiado da Credulidade. Um coração-cadeado segredando coisas entre a Credulidade e a Ignorância, quase como um anel compondo uma corrente com as rudimentares orelhas. O ser acima do cadeado-coração e o outro do lado da cabeça da Credulidade parecem atordoados e atordoadores, meio zumbis, ficam atazanando. Também, pelos pés, Credulidade e Ignorância apresentam uma figura de ligação como a espetar ou simular cócegas de dispersão. Há uma maligna raposa entre os cotovelos da Credulidade e da Calúnia – interliga o aceno para a dança. A figura de um capeta entre a perna esquerda da Calúnia e as pernas da Credulidade parece com ar de deboche, zombaria e sugere tocar a perna esquerda da Credulidade, mas talvez esteja zombando com escárnio apontando para (parece fazer mira) sua intimidade genital ou para sua barriga esquisita de modo constrangedor e a imobilizando pela vergonha.

A figura da Ignorância apresenta dois rostos num só: um esboço de máscara de luz (amarela): ilusões de consciência? Intenção de sabedoria? Insinuação de lucidez? Essa luz amarela não abrange o “outro” rosto que dá o aspecto de burro (as orelhas e o queixo de baixo). Suas orelhas remetem a orelhas de burro, mas estão disformes, sem a tensão das orelhas do animal burro quando se diz que sinaliza perigo. O Remorso também tem o rosto esboçado em sutil luz amarela.

A Ignorância encobre parcialmente a meticulosa Desconfiança (dá-lhe guarida?), com um braço abaixado sem ser visto e a outra mão parece auto-beliscar ou arrancar-lhe casquinhas da pele. E está coligada na Credulidade e fica mais à frente que ambas. Tem aspecto de ambiguidade: rosto e corpo mais masculino, mas tem uma mama grande (é nutriz?, de quê?), semelhante à da Credulidade, da Calúnia, da Má-Fé, da Inveja, do Remorso, da Culpa e da Verdade Por Ouvir Dizer. Diferentemente da Desconfiança e da Credulidade, com as quais constitui um trio, a Ignorância tem a superfície do corpo lisa, sugerindo ser afável, inteligente e não repulsiva. Tanto a Ignorância quanto a Inocência (olhar maroto) e o anjo-capetinha (que está entre a mão e o rosto da Calúnia) olham para frente em busca de nosso olhar.

A Credulidade tem seu olhar direcionado para o alto, perdido (?), parece desviar a louvores celestiais ou na direção da Hipocrisia repousada tensamente sobre o braço da Inocência. A Credulidade impregnada de asquerosos caroços, rugosidade verrucóide (pele de sapo) parece prenhe e o que nutre e gesta apresentam a mesma essência. Com orelhas grandes, sob vigília de pequenas figuras fazendo-se em atitude de conformação. Vindo de um sorriso quente e convite investido de ares de boa aproximação, desvia o olhar credulamente ao alto, rogando ao céu e temendo a Hipocrisia com a Inocência e, ao mesmo tempo, procura ocluir de si e da Ignorância

(que lhe dá as costas) os olhos com sua mão direita como a impedir que veja que está dando a outra mão à Calúnia. Associa-se em toque tátil com a Ignorância. E a Desconfiança tem olhar na direção da Má-Fé.

Somente as figuras da Inocência, da Calúnia e da Maledicência estão com rosto de perfil, e se colocam fazendo uma linha diagonal indicando movimento descendente; também, nos extremos dessa mesma diagonal, os únicos que colocam a língua para fora são a Inocência (com língua pontiaguda preta, ferina: estaria a lamber o rosto e a mão da Hipocrisia?; ou estaria disfarçando morder a própria língua em resposta à dor da espetada dada pela Calúnia em seu pé esquerdo?) e a Maledicência (com língua vermelha lambendo sua própria mão direita – em deboche?, nojo? – ou uma atitude que sugere vomitar?); está bem atrás da Verdade por Ouvi Dizer, como que usando-a como subterfúgio para se fazer valer?).

A Inocência, a maior das figuras (seguida pela Calúnia e pelo Artífício), o horrendo capeta chifrudo nos olha com seu belo olho azul; tenta seduzir pelo belo azul do olho e desviar sua condição horripilante, repulsiva, de olhar hipnotizador, maroto. A Inocência e a Ignorância nos olham buscando nos fisgar em cumplicidade. A Inocência, o mais pontiagudo: chifres, língua, nariz, unhas e dentes, além de textura peluda e asquerosa. Cercada por símbolo multivetorial (entre as pernas); coligada com cobra de duas cabeças no colo e associada a uma cruz azul; sustenta todo o lado esquerdo frio do quadro. A Inocência parece “sustentar” o Sarcasmo, a Hipocrisia e a Má-Fé. E o Artífício “sustenta” a Inveja, o Remorso e a Culpa.

A partir do fantasmagórico Sarcasmo ocorreu-me de que na região entre a Credulidade e a Calúnia, onde estão as figuras pequenas da raposa maligna e do capeta com escárnio, há três bolinhas azuis claras: seriam fumacinhas (clima?) do Sarcasmo?; também há uma arrepiada figurinha com parte serpentiforme, entre a Credulidade e os pés da Inocência. O Sarcasmo, com seu aspecto volátil, coliga-se pelas costas com a Inocência. Escondida em aparente afago na nuca da Inocência e sob sua proteção, está com vistas a sair do mapa com aceno ao exterior do quadro.

A Hipocrisia apresenta uma sisudez mal humorada (convida a ser percebida quando nos colocamos de cabeça para baixo para vê-la) enganador, disfarça sua cara séria, raivosa para a Inocência; sugere uma possibilidade de aproximação da Inocência de modo invertido.

A Má-Fé se reveste parcialmente de aspecto da Inocência, acrescida de cauda de espículas e ferrão dual. Com sorriso que tenta demonstrar fragilidade dócil, mas tenebroso, fecha os olhos, mas a máscara no lado oposto ao da Inocência tem olhar vesgo e rosto azul como o Sarcasmo, a Verdade Por Ouvir Dizer e olho da própria Inocência. Entre a Inocência e a Má-Fé há dois níveis de alta tensão, tendo como elemento divisor o braço esquerdo da Inocência e suas unhas-garras que aproximam da Má-Fé de modo sugerido de afagar, mas com garras afiadas e em gesto de querer pegar: na parte acima do braço esquerdo da Inocência está a Hipocrisia em posição invertida, entre a língua ativa da inocência e os espinhos da cabeça da Má-Fé. A Hipocrisia parece uma aranha que desceu ali. E na parte abaixo do braço esquerdo da Inocência entre suas garras afiadas e o ferrão do escorpião da Má-Fé há uma cobra de duas cabeças e uma cruz azul no mesmo tom da lanceta usada pela Calúnia e do

contorno da Verdade Por Ouvir Dizer. A Inocência, ao buscar “afago” aproximativo com a Má-Fé, desencadeia uma atmosfera melindrosa. Um olho guarda vigília à máscara da Má-Fé.

A Culpa com um peso (barril, pedra) carregado sobre a cabeça e com olhos fechados. Recebe o peso, carrega-o sem procurar se interessar nem querer saber sobre o que se dá. O Remorso inclina-se e encosta na Culpa, impressão de que a Culpa sente-se assim por fazer aquilo que não quer, por dever de obrigação e, quando faz, sente o arrependimento de ter feito o que não queria; daí, se refaz a Culpa. Essa Culpa ajoelhada em esforço abnegado de sustentação do peso, também quase se apoia no Artifício. O Remorso está ajoelhado em lamúria e tem um dorso escuro voltado para a Inveja: seria ninho de onde saiu a cobra que vai ao coração da Inveja? No Remorso há um volume cinza entre sua mão esquerda e onde estaria sua orelha esquerda, semelhante ao do barril/pedra da Culpa, como a sugerir que não queria ouvir a Culpa.

Finalmente, para o momento, observo e assinalo que a artista assina o quadro no amarelo e abaixo da mão direita da Maledicência, com inclinação diagonal vinda desde a Inocência. A pequena figurinha no cantinho inferior direito, com chifrinhos, parece sorrir (serena?) e sugere sair por ali com um espetinho tridente a se proteger às costas. Dá as costas à língua e a mão da Maledicência.

Nilson – 07/05/2021